

EDUCAÇÃO SUPERIOR EM COMUNIDADES TRADICIONAIS: UM PANORAMA SOCIAL, HISTÓRICO E CULTURAL NOS QUILOMBOS: LAGOA DA PEDRA E KALUNGA DO MIMOSO, ARRAIAS/TO

HIGHER EDUCATION IN TRADITIONAL COMMUNITIES: A SOCIAL, HISTORICAL AND CULTURAL PANORAMA IN THE QUILOMBOS: LAGOA DA PEDRA AND KALUNGA DO MIMOSO, ARRAIAS/TO

Dandara Francisco Soares¹
Universidade Federal do Tocantins

Erasmus Baltazar Valadão²
Universidade Federal do Tocantins

RESUMO

O presente trabalho analisa as dificuldades enfrentadas por jovens quilombolas e descendentes de quilombo em terem acesso à Educação Superior na Universidade Federal do Tocantins, *campus* de Arraias/TO, bem como mostra o significado que a formação acadêmica tem nas suas vidas. As pesquisas foram realizadas com estudantes das comunidades quilombolas Lagoa da Pedra e Kalunga do Mimoso, ambos os territórios localizados no município de Arraias/TO. Os pressupostos metodológicos fundaram no Materialismo Histórico-dialético e a coleta de dados contou com questionários e um grupo focal com estudantes das duas comunidades quilombolas. Os resultados apontam que, apesar das adversidades enfrentadas ao longo do percurso educacional destes jovens, as políticas públicas de inclusão e permanência são determinantes e, uma vez vencidas, essas contingências abrem perspectivas para outros jovens sonharem com a educação superior.

Palavras-chave: Educação superior, estudantes quilombolas, transformação social

ABSTRACT

This paper analyzes the difficulties faced by young quilombolas and quilombo descendants in having access to higher education at the Federal University of Tocantins, campus of Arraias / TO, as well as showing the meaning that academic education has in their lives. The surveys were carried out with students from the Quilombola communities Lagoa da Pedra and Kalunga do Mimoso, both territories located in the municipality of Arraias / TO. The methodological assumptions were based on Dialectical Historical Materialism and the data collection included questionnaires and a focus group with students from the two quilombola communities. The results show that despite the adversities faced during the educational path of these young people, the public policies of inclusion and permanence are decisive and, once these contingencies are overcome, they open perspectives for other young people to dream about higher education.

Keywords: Higher education, quilombola students, social transformation.

¹ Pedagoga, graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins. Campus de Arraias. E-mail: [http://lattes.cnpq.br/1633308837106049](mailto:dandarasoes@mail.uft.edu.br). E-mail: dandarasoes@mail.uft.edu.br.

² Doutor pela Universidade de Brasília (UnB). Professor adjunto da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Campus de Arraias, Tocantins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2635832123456273>. E-mail: erasmovalado@mail.uft.edu.br.

1 Considerações iniciais

Os sete anos de trabalho no *campus* da Universidade Federal do Tocantins possibilitaram encontros com os estudantes e com a comunidade local para além da percepção do papel que a Educação Superior tem na vida de pessoas de comunidades quilombolas e remanescentes destas comunidades espalhados em pequenas cidades da região. Suas vidas, suas histórias e, principalmente, os significativos relatos de experiência reforçam o quanto a Educação Superior construída neste *campus* é essencial. A compreensão e a luta pelo direito a educação superior aos sujeitos distantes dos grandes centros urbanos têm crescido nos últimos anos, gerando debates e atenção.

O presente artigo resulta das muitas experiências em sala de aula, das orientações de pesquisas de conclusão de curso, do trabalho de extensão e das experiências adquiridas na pesquisa de doutorado (VALADÃO, 2018), em que foi analisado o processo de inserção da Universidade Federal do Tocantins no *campus* de Arraias/TO com a intenção de perceber o papel que a instituição exerce na região, bem como problematizar os limites e as possibilidades da instituição nessa região do país. As discussões aqui apresentadas fundamentam-se também em uma pesquisa de trabalho de conclusão de curso de uma pesquisadora remanescente de quilombo (SOARES, 2019), a qual apontou os principais desafios enfrentados por jovens quilombolas de dois quilombos localizados no município de Arraias/TO: Lagoa da Pedra e Mimoso.

Nesse sentido, partimos do pressuposto de que a Educação Superior, materializada na Universidade Federal do Tocantins, *campus* de Arraias/TO, constitui um elemento com o potencial de transformar a realidade sócio-histórico-cultural, bem como a vida dos sujeitos moradores das comunidades do sudeste do Tocantins e nordeste goiano – um território marcado por desigualdades e abandono de políticas públicas que incluam a parcela da população constituída por remanescentes de quilombos e até mesmo pelos quilombos reconhecidos na região.

2 Fundamentos epistemológicos das pesquisas

O Materialismo Histórico e Dialético constituiu a fundamentação epistemológica nas pesquisas realizadas pelos autores. O método implica em uma perspectiva de conceber ciência e sua aplicação, a partir da qual se prioriza a história, sua materialidade e as contradições dos

processos em que se insere. Essa mesma visão considera o homem enquanto sujeito que promove as transformações na sua relação com a natureza.

Tomar a historicidade como categoria de análise do Método Materialismo Histórico e Dialético é conveniente na medida em que se busca compreender uma região (e principalmente a cidade de Arraias/TO, com 279 anos, onde está situado o *campus* da universidade Federal do Tocantins) que amargou com a escravidão, a perseguição e o abandono de políticas públicas. Essa região foi considerada, durante muitos anos, como um corredor da miséria a ser perpetuamente abandonado, mas esconde no silenciamento a que foi submetida traços de uma cultura de resistência e de sabedoria popular.

A ruptura epistemológica que o Materialismo Histórico Dialético provocou no ocidente abriu espaço para deslocar o pensamento científico para o mundo material, rompendo com a tradição filosófica fundada no idealismo platônico e consolidada na filosofia idealista de Hegel.

A passagem que Marx faz do idealismo para o realismo resultou de uma mudança epistemológica que colocou no centro do debate a compreensão do homem no seu processo histórico movido pela realização que a humanidade fez no trabalho e por meio do trabalho.

Nesse sentido, a ancoragem no Materialismo Histórico e Dialético justifica-se por compreendermos esse método como possibilidade de atribuir à pesquisa um instrumento intencional de compreensão e intervenção na realidade pesquisada. As mazelas do passado neutralizam, muitas vezes, a compreensão das contingências da vida cotidiana. Daí a importância de se compreender a historicidade dos fatos para poder transformá-los, conforme salienta Pistrak:

(...) estudar a realidade atual, penetrá-la, viver nela. Isto não quer dizer, certamente, que a escola não deva estudar as ruínas do passado: não, deve estudá-las e assim será feito, mas com a compreensão de que são apenas ruínas do passado e de que seu estudo deve ser iluminado à luz da realidade atual no sentido já indicado acima, à luz da luta travada contra o passado e da transformação da vida que deve à sua liquidação (PISTRAK, 2000, p. 33).

É preciso, pois, tomar o passado a fim de se compreender as consequências na vida contemporânea. Pode-se dizer que há certa negligência em não discutir mazelas do passado como o processo violento de escravização a que a população desta região experimentou. Porém, se não houver coragem para mergulharmos nestas mazelas, não conseguiremos descortinar as manifestações de resistência como as ocorridas nos quilombos. Nesse sentido, as experiências

dos estudantes na Educação Superior tem sido um importante elemento de emancipação e compreensão histórica dos seus antepassados.

“Totalmente ao contrário do que ocorre na filosofia alemã, que desce do céu a terra, aqui se ascende da terra ao céu. Ou, em outras palavras: não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, e tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens em carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir do seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida. E mesmo as formações nebulosas no cérebro dos homens são sublimações necessárias do seu processo de vida material, empiricamente constatável e ligado a pressupostos materiais. A moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia, assim como as formas de consciência que a elas correspondem, perdem toda a aparência de autonomia. Não têm história, nem desenvolvimento, mas os homens, ao desenvolverem sua produção material e o seu intercâmbio material, transformam também, com esta realidade, seu pensar e os produtos de seu pensar. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência. Na primeira maneira de considerar as coisas, parte-se da consciência como do próprio indivíduo vivo, na segunda que é a que corresponde à vida real, parte-se dos próprios indivíduos reais e vivos, e se considera a consciência unicamente como sua consciência” (MARX; ENGELS, 1991, p. 37).

Essa concepção de conhecimento fundado na expressão da vida e a tudo que a ela se relaciona serve de pressuposto para se constituir as pesquisas. Tal perspectiva parte de questões e problemas reais que envolvem sujeitos inseridos em contextos repletos de contradições e aptos por “cavar brechas” para enfrentá-las. Assim, consolidar uma universidade numa cidade com menos de 11 mil habitantes requer uma luta constante e uma mobilização eficaz para não deixar de oferecer Educação Superior a uma parcela da população fora dos grandes centros. Nesse âmbito, o *campus* universitário vive as contradições que perpassam a sociedade, e em um determinado período os debates e discussões eram para saber quais cursos deveriam ser implantados de modo a atender a região. Hoje, com a atual composição política em vigor, a luta se aprofunda, consistindo em manter o *campus* em funcionamento.

3 Contextualização sócio-histórica e cultural de Arraias/TO

A cidade onde um dos *campi* da Universidade Federal do Tocantins está instalado é Arraias/TO, um pequeno município com 10.601 habitantes (IBGE, 2018), porém atende outras cidades próximas da região do sudeste do Tocantins e nordeste goiano.

Frigoto, Ciavata e Ramos (2012) lembram que o Brasil foi o último país do continente a abolir a escravidão. Logo, essas marcas ainda são visíveis na sociedade, principalmente para uma cidade de 279 anos, fundada no ciclo do ouro, como o município de Arraias/TO. Ainda,

segundo os autores acima mencionados, a mentalidade empresarial e das elites dominantes pode conter a marca cultural da relação escravocrata. Essas marcas cristalizam uma relação de submissão, fundada em um simbolismo que pode ser constatado no trato cotidiano de uma parcela da população nas mais variadas manifestações cotidianas, o que pode ser verificado em Arraias, como em muitas outras cidades do Brasil.

Talvez, o pior traço de uma sociedade fundada nos preceitos da escravidão seja esconder e aniquilar os movimentos contra hegemônicos de resistência, invisibilizando os que outrora lutaram contra as formas de exploração, bem como a banalização das formas de resistência na contemporaneidade. Esse aspecto se torna interessante num *campus* universitário, por exemplo, quando os estudantes compreendem sua condição e começam a buscar, por meio dos estudos a compreensão da realidade que vivem, pois assim podem sonhar com formas alternativas de organização da sociedade onde vivem. Nesse sentido, perceber as contradições presentes na vida e na cidade onde vivem poderá ser o mote inicial para se buscar, por meio do conhecimento, a compreensão histórica da vida que explicita as causas daquilo que se quer superar. Conforme ressalta Freire,

Por isso, desde já, saliente-se a necessidade de uma permanente atitude crítica, único modo pelo qual o homem realizará sua vocação natural e integrar-se, superando a atitude do simples ajustamento ou acomodação, apreendendo temas e tarefas de sua época. Esta, por outro lado se realiza a proporção em que seus temas são captados e suas tarefas resolvidas. E se supera na medida em que temas e tarefas já não correspondem a novos anseios emergentes, que exigem, inclusive, uma visão nova dos velhos temas (FREIRE, 2011, p. 61).

As palavras de Freire nos auxiliam a entendermos a necessidade de aprender com o passado e de superar os novos desafios. É por isso que uma universidade que valorize o local no qual está inserida e que busque atender às necessidades da comunidade se torna extremamente importante: para que seja disponibilizado um ensino de qualidade para que todos aquelas que nela adentrarem, independentemente de onde venham, tenha capacidade de construir conhecimento emancipatório.

Inseridas neste contexto estão duas comunidades quilombolas deste município, a comunidade Kalunga do Mimoso e a comunidade Lagoa da Pedra – sendo que ambas contam com estudantes na Universidade Federal do Tocantins, *campus* de Arraias.

As comunidades quilombolas são uma das riquezas na história desse município tocantinense, e são sinônimos da luta e resistência do povo negro. De acordo com Moura, “[o]

município arraiano é palco de anos de escravidão negra; trata-se de um município histórico, predominantemente negro [...]” (MOURA, 2012, p. 70).

Os quilombos são o símbolo da liberdade, coragem e força de um povo que não suportava escravidão. Em sua origem, eram constituídos por negros fugitivos, que buscavam lugares de difícil acesso para iniciarem uma vida de liberdade, e hoje constituem espaço importante de preservação e valorização cultural dos povos afrodescendentes. Moura assim descreve a formação dos quilombos de Arraias.

(...) entre esse período de exploração do garimpo e a fundação da cidade de Arraias, os quilombos foram sendo formados pelos negros fugitivos que ao descerem do alto da Chapada dos Negros, fundaram as comunidades tradicionais rurais como a Lagoa da Pedra a 35 quilômetros do atual centro de Arraias, ou se dirigiram aos Kalungas; região rica em água e em cerrados que fica há 120 quilômetros de Arraias, na divisa entre os municípios tocaninenses de Paranã e Arraias e os goianos de Monte Alegre, Cavalcante e Teresina (MOURA, 2012, p. 67).

Há, portanto, a necessidade de se compreender a importância das comunidades remanescentes quilombolas da região de Arraias. Tanto a comunidade de Kalunga do Mimoso quanto a de Lagoa da Pedra vivem da agricultura de subsistência. A partir desse contexto, a seguir, será feita a descrição destes territórios e de como os seus moradores têm exercido o direito constitucional de acesso à Educação Superior.

A comunidade quilombola Lagoa da Pedra está localizada a 33 km do município de Arraias/TO. Todos os registros da história desta comunidade são baseados na oralidade. Segundo Teske,

A comunidade Lagoa da Pedra não possui registros escritos de sua história, sua origem e desenvolvimento. No entanto, a memória sobre o passado da comunidade é repassada pela tradição oral. É através da oralidade, que este conhecimento compartilhado fortalece a história, cultura e tradição destes povos (TESKE, 2008, p. 49).

Ainda conforme o autor, a ajuda mútua entre as famílias da comunidade Lagoa da Pedra é uma prática comum. Apesar de cada um ter o seu pedaço de terra, há a preocupação de colaboração entre os seus moradores.

Apesar de a globalização ser uma realidade, observa-se que ela não consegue homogeneizar as sociedades e eliminar as práticas culturais. Mesmo que, com o avanço tecnológico que possibilita a chegada da mensagem midiática nos mais distantes rincões, as culturas tradicionais, mesmo que sofrendo alguma alteração, conseguem se manter e fazer com que se perpetuem manifestações que, aparentemente, haviam desaparecido. A resistência cultural é percebida na medida em

que as comunidades tradicionais, no caso específico, da Lagoa da Pedra, ressignificam os seus padrões e manifestações culturais. Em um mundo que se considera moderno e se propõe em um modelo desenvolvimentista que não considera e não inclui a cultura como fator imprescindível, há necessidade de rever seus conceitos e defender um novo modelo de desenvolvimento que, efetivamente, seja sustentável e inclua a diversidade cultural (TESKE, 2013, p.75).

Há a constatação de que as comunidades quilombolas possuem uma cultura riquíssima desenvolvida por meio da oralidade, não obstante sofrerem as imposições da cultura de massa. Ainda assim, elas mantêm as tradições e crenças herdadas dos seus antepassados e as repassa para as gerações futuras. Neste ínterim, a presença de estudantes destas comunidades no ambiente da universidade possibilita o fortalecimento e a significação destes valores.

O outro quilombo nominado por Kalunga do Mimoso está localizado aproximadamente a 120 km da cidade de Arraias, em uma região difícil acesso no território Kalunga do Tocantins. Kalunga é o gigante território de diferentes comunidades quilombolas, que abrange os estados de Goiás e Tocantins.

Baiocchi descrever que

(...) os Kalunga habitam os 237.000 hectares de vales, rios e montanhas situados às margens direita e esquerda do rio Paranã que, como no rio Nilo ou Zaire na África, possibilitou a existência e a formação de um povo e de cultura singular (BAIOCCHI, 1999, p. 24).

A palavra Kalunga vem de origem africana e, de acordo com Baiocchi (1999, p. 41), “(...) é um lugar sagrado que não pode pertencer a uma só pessoa ou família. É de todos para horas de dificuldade (...)”. Outra versão da origem da palavra surge como explicação relativa a uma espécie vegetal: como há na região grande quantidade de uma planta de raízes amargas, também conhecida por Kalunga, essa acepção sobre origem do nome da comunidade passou a ser reconhecida.

Kalunga do Mimoso é região que sistematiza o seu saber local por meio do conhecimento dos seus anciãos, permitindo a continuação da sua história na comunidade. A oralidade está presente na historicidade desse povo, narrando de geração para geração quando tudo começou. Os primeiros moradores, as migrações sucessivas, a posse da terra, a miscigenação com o indígena, entre outros fatores de composição da sua identidade.

Ao longo da história dessa comunidade muitos foram os desafios tanto na solidificação do direito coletivo das terras, quanto na defesa dela com os intensos conflitos agrários com ricos fazendeiros da região. Para Oliveira, “(...) os conflitos e tensões agrárias se tornaram mais

potencializados na área depois que foi iniciado o processo de delimitação coletivo, a ser emitido em nome da associação criada para representar o grupo” (OLIVEIRA, 2010, p. 73).

Igualmente, a titulação coletiva não foi bem aceita no início, pois alguns moradores haviam comprado ou recebido de herança pedaços de terra na região. Desta maneira, muitos que estavam nessa situação não queriam abrir mão do direito individual sobre seu pedaço de chão. Oliveira destaca que,

O caso dos Kalunga do Mimoso implica em um paradoxo central. Se, de um lado a luta pelo reconhecimento produz uma experiência que os aproxima da luta pela cidadania, sobretudo na comparação com os Kalunga de Goiás; de outro, pode-se dizer que a busca da identidade e luta pelo reconhecimento - como remanescentes de quilombolas -, mata o patrimônio dos quilombolas (OLIVEIRA, 2010, p. 83).

A comunidade Kalunga do Mimoso vem, aos poucos, enfrentando os conflitos e se fortalecendo contra os desafios externos advindos na tomada do território por grandes fazendeiros, bem como sucessivos projetos de utilização dos rios para a construção de hidroelétricas.

Nesse contexto, as pesquisas empreendidas por meio da universidade têm o trabalho de problematizar esses processos, entender os fenômenos envolvidos no mesmo e descortinar ideologias dominantes e o quanto elas têm servido para outro olhar dos estudantes em direção à realidade de onde se originam. Logo, compreender o contexto sócio-histórico-cultural é questionar as ideologias dominantes que historicamente tem subjogado o povo negro. Vejamos com Gomes compreende a importância de entendermos as questões relativas à identidade do negro em face dos discursos que tentam apagá-lo ou invisibilarem-no.

A cultura negra possibilita aos negros a construção de um ‘nós’, de uma história e de uma identidade. Diz respeito à consciência cultural, à estética, à corporeidade, à musicalidade, à religiosidade, à vivência da negritude, marcadas por um processo de africanidade e recriação cultural. Esse ‘nós’ possibilita o posicionamento de negro diante do outro e destaca aspectos relevantes da sua história e de sua ancestralidade (GOMES, 2003, p.79).

Dessa forma, a presença dos jovens remanescentes dos quilombos e dos moradores das pequenas cidades e vilas na universidade pode possibilitar uma compreensão do período escravagista e de como o pensamento escravocrata se solidificou como base ideológica e hegemônica no país. Concomitante a essa compreensão, surge a valorização da cultura africana e das organizações de resistência dos afrodescendentes no Brasil e em tantos outros países. A

universidade pública, gratuita e de qualidade, tem o potencial de promover ressignificações identitárias por meio de um ensino crítico e emancipatório. E por isso ocupa lugar e papel privilegiados numa sociedade.

4 Os desafios do acesso à Educação Superior

Inúmeros foram e ainda são os desafios enfrentados ao longo da trajetória escolar dos estudantes oriundos dos remanescentes quilombolas. Iniciar e concluir os estudos dentro dessas comunidades pressupõe resignação e perseverança, pois a distância percorrida entre a comunidade e a escola é longa. Ter que acordar mais cedo que os estudantes dos centros urbanos, andar a pé ou em transporte deficitário em estradas em condições precárias é uma realidade dura, que por vezes impede a concretização de muitos sonhos. Ter um currículo frequentemente sem sintonia com a vida da comunidade é outro empecilho significativo. Outro grande desafio é conciliar os estudos com os afazeres da roça, já que, em geral, agricultura de subsistência exige o trabalho de todos os membros da família. Assim, para quem vive nessas localidades, há diversas barreiras para estudar.

As contingências favorecem o pensamento de muitas crianças, adolescentes e jovens, até mesmo de alguns pais, de que a educação é um processo construído no cotidiano com vista para o futuro. Mediante alguns contextos, entretanto, a falta de perspectiva colabora para o índice de evasão escolar. Segundo o Ministério da Educação e Cultura (MEC), a educação oferecida nas comunidades quilombolas não atende as necessidades dos estudantes.

Estudos realizados sobre a situação dessas localidades demonstram que as unidades educacionais estão longe das residências dos alunos e as condições de estrutura são precárias, geralmente construídas de palha ou de pau-a-pique. Há escassez de água potável e as instalações sanitárias são inadequadas. (MINISTERIO DA EDUCAÇÃO, 2019, s.p)

A Constituição Federal assegura que a educação é um direito de todos, apesar das condições serem as mais diversas e adversas em todo o país, em especial em regiões como as mencionadas neste artigo. Assim, para além de buscar garantir esse direito, o que por si só já tem se constituído problemático, as políticas públicas voltadas a instituir educação de qualidade precisam levar em conta a especificidade, o respeito à cultura e tradição desses povos.

Se vencidos os obstáculos da Educação Básica, os estudantes quilombolas precisam chegar ao Ensino Superior. No ano de 2004, a Universidade Federal do Tocantins iniciou o

processo de reserva de 5% das vagas para estudantes remanescentes quilombolas e indígenas, a fim de promover maior inclusão dessa parcela da população, sendo uma das pioneiras a adotar esse método. Sobre isso, Candau enfatiza que:

Os afrodescendentes são o grupo mais sub-representado entre os que possuem Educação Superior e média. Daí a importância da promoção de programas que lhes propiciem o acesso, a permanência e uma bem-sucedida formação universitária, em todas as carreiras acadêmicas (CANDAU, 2005, p. 163).

A autora destaca a importância de ações afirmativas para a população afrodescendentes no sentido de possibilitar a consolidação e o reconhecimento de direitos. Desta maneira, a importância de oportunizar a formação emancipatória para esses povos, que ao longo da história e até hoje são vítimas de uma sociedade de heranças escravocratas deve ser destacada. Por meio da educação, essa parcela da população brasileira, cuja história de existência é muito sofrida, poderá significar o que aprendem na universidade somando aos saberes apreendidos na comunidade.

A jornada desses estudantes remanescentes dos quilombos que ingressam no Ensino Superior é demasiadamente complexa, uma vez que eles são de famílias com recursos financeiros escassos. Quando chegam a este grau de ensino, os estudantes quilombolas e indígenas têm o direito de serem amparados por políticas afirmativas educacionais que possam possibilitar sua permanência na universidade. Nesse sentido, o Programa de Bolsa Permanência do MEC disponibiliza uma ajuda de custo para este intuito, conforme descrito a seguir:

O Programa de Bolsa Permanência instituído em 2013 tem por finalidade minimizar as desigualdades sociais, étnico-raciais e contribuir para permanência e diplomação dos estudantes de graduação em situação de vulnerabilidade socioeconômica das instituições federais de ensino superior (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2019, s.p).

Todavia, esses programas ainda não constituíram uma política de Estado significativa para este contexto. Pelo contrário, no atual governo esta parcela da população vem sendo ameaçada e reduzida. E sem programas de permanência na universidade, estudantes em vulnerabilidade social como os remanescentes de quilombolas, tendem a abandonar os cursos.

5 Incursão na realidade dos estudantes do *campus* de Arraias/TO

Nesta seção serão apresentados os dados obtidos na pesquisa de doutorado de Valadão (2018) com os estudantes desse contexto em questão e analisada a forma como esses sujeitos veem a presença da universidade no *campus* de Arraias/TO.

Um dos instrumentos utilizados para a obtenção das informações com os estudantes do *campus* de Arraias consistiu na aplicação de questionários de livre evocação. Totalizaram-se 362 questionários. Os estudantes foram divididos em dois grupos: o primeiro grupo contou com alunos dos cursos “regulares”, existentes no *campus*, como licenciatura em Pedagogia, licenciatura em Matemática e tecnológico em Turismo Patrimonial e Socioambiental, totalizando 204 respondentes nesse bloco. O segundo grupo totaliza 158 e contou com a participação dos estudantes da licenciatura em Educação do Campo, com habilitação em Artes e Música. A opção em dividi-los em grupos se deu por considerar que a totalidade das questões implicaria em desvantagem na forma de analisar as informações, além de considerar que a forma como experimentam a universidade difere bastante um grupo do outro, já que o segundo grupo estuda no formato de alternância tempo-escola e tempo-comunidade.

Na coleta de informação, a dimensão integral da formação humana aparece de forma significativa em relatos que justificavam a escolha da palavra ou frase que melhor exprime a percepção do estudante sobre a Universidade Federal do Tocantins, no *campus* de Arraias/TO. Os questionários foram numerados e os estudantes foram nominados pelo número que consta no seu questionário.

O questionário foi concebido para ser direto, prezar pela objetividade das perguntas e poder expressar a forma como os estudantes compreendem a Universidade Federal do Tocantins no *campus* de Arraias/TO. A escolha do livre uso de palavras na primeira questão (*para você, a UFT, campus de Arraias/TO é...*) considerou o instrumento aplicado em Representações Sociais viável pela facilidade em categorizar as evocações. Para tanto, foi utilizado o programa Iramutec, que auxiliou a formar categorias para o aprofundamento em outras etapas da pesquisa, como as entrevistas. Cumpre ressaltarmos, no entanto, que a pesquisa não se prendeu à metodologia das Representações Sociais: apenas utilizou-se desse instrumento para facilitar a sistematização da manifestação dos estudantes.

Em um segundo momento, foi solicitado ao estudante que escolhesse, dentre as seis palavras ou frases, três que ele considerasse como sendo as mais relevantes. Depois, na última etapa do questionário, foi pedido que o estudante escolhesse a mais importante das três e justificasse a sua escolha.

As justificativas trouxeram uma riqueza de elementos de análise, de forma que agregamos em categorias as palavras mais evocadas. A forma de lançar as palavras ou frases no sistema considerou as três primeiras em ordem decrescente; depois, retomou as seis evocações e lançou também em ordem decrescente para saber a relevância da palavra frase e em que ordem ela foi instalada.

Serão descritas as palavras evocadas pelos estudantes dos dois grupos, referentes à primeira pergunta: *para você, a UFT, campus de Arraias - TO é...*As palavras ou frases proferidas pelos estudantes e organizadas em categorias foram: conhecimento, oportunidade, aprendizagem, formação profissional, inclusão social, sonho, futuro.

Nas sete expressões consideradas como núcleo central, formadas por palavras colocadas em primeiro lugar, os termos *conhecimento e oportunidade* se destacam e apontam para a função da universidade, que é a produção do conhecimento e a oportunidade que essa parcela da população tem para desfrutar desse direito constitucional de ter acesso à Educação Superior.

Por muito tempo, o conhecimento foi colocado como ponto central para a emancipação humana. Sob o prisma da Pedagogia Histórico-Crítica, Saviani(2013) considera a Educação como ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens.

A outra expressão presente com destaque é a palavra *oportunidade*. Em um país marcado por desigualdades de várias ordens, inclusive a desigualdade regional, a oportunidade de formar-se em uma universidade pública federal é evidenciada pelos estudantes. Eles também experimentam o abandono de políticas públicas includentes a uma parcela da população esquecida desde o tempo do império. Nesse sentido, no contexto em questão, o nordeste goiano e o sudeste tocantinense tiveram que se reinventar para sobreviverem sem a presença efetiva do Estado ao longo de muitos anos. Assim, os alunos entendem a formação numa universidade pública como oportunidade para mudar a ordem social.

Outra pesquisa também entrevistou um grupo de sete estudantes quilombolas dos dois quilombos Lagoa da Pedra e Kalunga do Mimoso: a de Soares (2019). Uma estratégia para ampliar a participação dos sujeitos quilombolas utilizada consistiu em adotar o grupo focal para auxiliar na produção dos dados da pesquisa. A seleção do grupo buscou atender às demandas do objeto de estudo.

Segundo Gatti (2012), é necessário que algumas características em comum credenciem o grupo para a discussão, necessitando assim de experiências cotidianas com os temas

discutidos. Nesse sentido, a composição do grupo focal da pesquisa acima mencionada contou com a participação de estudantes dos dois quilombos totalizando um grupo com 08 estudantes.

Algumas características levantadas por Gatti reforçam a aplicabilidade dessa metodologia como adequada para a realização da pesquisa:

Lembrando que não está realizando uma entrevista com um grupo, mas criando condições para que este se situe, explicita pontos de vista, analise, infira, faça críticas, abra perspectivas diante da problemática para o qual foi convidado a conversar coletivamente. A ênfase recai sobre a interação dentro do grupo e não em perguntas e respostas entre moderador e membro do grupo. A interação que se estabelece e as trocas efetivadas serão estudadas pelo pesquisador em função de seus objetivos. Há interesse não somente no que as pessoas pensam e expressam, mas também em como elas pensam e porque pensam o que pensam (GATTI, 2012, p. 9).

Assim, o importante nessa modalidade é ampliar a participação dos componentes do grupo. O trabalho em grupo, quando bem conduzido, possui uma sinergia com potencial de aprofundar ou emergir diferentes opiniões.

Com base nos pressupostos, o roteiro utilizado para esta investigação foi alicerçado em seis eixos temáticos. São eles:

- 1) Como seus familiares lidaram com a sua entrada na Universidade, mais alguém da sua família concluiu ou está cursando o Ensino Superior?
- 2) Quais são os principais desafios que vocês enfrentaram para permanecerem na Universidade?
- 3) Vocês encontraram obstáculos para se ingressarem na Universidade?
- 4) Vocês recebem ou receberam algum auxílio estudantil? Se sim, de que forma ele contribuiu?
- 5) O que vocês pensam da UFT, *campus* Arraias, em relação aos alunos quilombolas?
- 6) Vocês participam ou participaram de alguma organização ou movimento dentro da Universidade?

De acordo com as indagações descritas acima, foram analisadas e relacionadas as seguintes respostas do grupo: na questão 1, todos os estudantes contam que os familiares ficaram contentes, pois a entrada na universidade foi vista como uma vitória. Eles ainda relatam que tiveram apoio, em todos os sentidos, dos seus familiares. A maioria deles configura-se como os primeiros de sua família a se formarem no Ensino Superior, o que é considerando algo

extremamente valioso, levando em consideração o fato de virem de famílias da zona rural, e de seus pais ou responsáveis sequer terem conseguido concluir o Ensino Fundamental, na maioria dos casos.

Sobre esse cenário familiar educacional, Chauí enfatiza que:

É na família que se constitui um destino comum, que se elabora um saber sobre o espaço, o tempo, a memória, a transmissão de conhecimentos e de informações, que se compensa a pouca escolarização com outros aprendizados transmitidos oralmente e por contato direto (CHAUI, 1993, p.144).

Apesar de a maioria ser os primeiros a se formarem no Ensino Superior, outros já têm parentes próximos que conquistaram esse nível de ensino, como tios e primos. É interessante destacar que o número de quilombolas que buscam uma formação tem crescido muitas vezes influenciado por alguém que já passou por esse processo.

Na questão 2 foi citado o preconceito por parte de professores e de alunos, algo que acontece ainda em muitas universidades e outras instituições públicas. Este fato ainda persiste como um dos principais problemas sociais enfrentados, causando constrangimento e exclusão social. Candau afirma que “[a] garantia constitucional do direito à igualdade para todos não impediu a desigualdade de acesso às oportunidades de participação efetiva no contexto da cidadania plena para vasta parcela da população brasileira” (CANDAU, 2005, p. 151).

A ênfase das respostas desta questão recaiu sobre as questões econômicas como o principal desafio para a permanência na Universidade. Grande parte afirmou que não tem emprego formal e os pais não tinham condições de suprir as necessidades da casa (a maioria dos pais dos estudantes moram na comunidade), apesar de buscarem auxiliar o filho na medida do possível. Ainda, alguns estudantes apontam as dificuldades em conciliar a faculdade com as obrigações com seus filhos (pois alguns desses estudantes são pais). No entanto, mesmo com a difícil associação entre estudar e cuidar dos filhos, fica evidenciado nas respostas o interesse em continuar os estudos. Outro ponto apresentado como obstáculos foi a questão do uso das tecnologias. Todos os estudantes relataram dificuldades em lidar com essa questão no início do curso.

Foram relatados, também, dificuldades em assimilar os conteúdos trabalhados em sala. Os respondentes alegaram existir uma falha na comunicação no momento de abordar o conteúdo. Assim, abordaram a ruptura que tiveram que fazer saindo da comunidade, com uma

vida comunitária e presença da família, indo para a cidade entendida como lugar de disputa e competição.

A moradia também se apresentou como um problema ao longo das respostas, pois nem todos possuíam parentes na cidade. Alguns vêm de longe e por isso acabavam tendo que pagar o aluguel. Neste ponto ficava evidenciada a importância da casa do estudante e a bolsa quilombola. Também nesse contexto fica relatado que, quando há demora no processo de auxílio, muitos acabam desistindo. Abaixo destacamos um trecho da fala de um dos entrevistados que ilustra bem esses problemas relatados.

“Então, os principais desafios que a gente enfrenta é para permanecer na Universidade, acho assim primeiramente o primeiro desafio que a gente enfrenta é a questão de quando a gente entra na Universidade a gente ter que sair da comunidade, do nosso conforto ali, e vir pra cidade. Vir para uma outra lógica, é, onde na comunidade as pessoas tem aquela questão é, como eu vou dizer, de um ajudar o outro e a gente veio para cidade onde as pessoas não se ajudam entendeu? Esse é um desafio muito grande, que é o primeiro momento que a gente tá aqui. No segundo momento, muitas das vezes, a gente não tem onde morar, não tem familiar aqui na cidade, e aí a gente muitas vezes vai ter que pagar o aluguel. É muito complicado da gente viver aqui na cidade, sair da nossa comunidade e vir pra cidade e conseguir permanecer na cidade e pagando aluguel. Uma vez que a gente vem é outra lógica entendeu, a gente não tem um serviço pra nós trabalhar aqui e a gente não entra na Universidade recebendo bolsa... então, a princípio a gente entra com um desafio muito grande que exatamente é essa permanência na cidade (E6).

E essa permanência da gente vem também em questão da bolsa, né? Se a gente não tiver a bolsa, os atrasos na bolsa ela, conta muito com a dificuldade da gente permanecer aqui na cidade estudando, entendeu? Permanecer na universidade, conseguir concluir o curso, muitos têm mesmo recebendo a bolsa e acabam desistindo por que não é fácil, entendeu? Não é fácil, imagina que nós passa... nós passa dois mês sem receber a nossa bolsa, e o aluguel não espera, as conta não espera, a dificuldade chega, as dívidas encosta entendeu, e muita das vez tem gente que acaba desistindo porque isso é um desafio muito grande que a gente tem enfrentado. É questão de limite financeiro mesmo, entendeu?” (E3).

Na questão 3, os entrevistados relataram várias dificuldades como, por exemplo, não conseguirem ser aprovados imediatamente no Enem. Eles afirmam que tiveram dificuldades em assimilar esse processo de transição do Ensino Médio para a universidade. São exemplos

declarações como: “Sim, reprovei duas vezes no vestibular, mas consegui pelo o Enem” (E4) e “Pra mim foi muito difícil entrar na Universidade porque eu não conseguia passar no vestibular, pois sou muito ruim em redação” (E6).

Na questão 4, os participantes declararam que todos receberam a Bolsa Permanência Quilombola - alguns assim que entraram no curso e outros enfrentaram a demora de cerca de dois anos para receberem, tendo que depender de ajuda dos familiares durante esse período.

Todos os participantes destacaram que este auxílio foi vital para a permanência na Universidade, pois amparou na questão da alimentação, moradia.

“Recebi durante meu curso a bolsa quilombola, que me auxiliou de todas as formas possíveis para a conclusão do curso. Houve uma época que essa bolsa supria minhas necessidades na faculdade, em casa com meus dois irmãos (que ainda faziam o ensino médio e não tinham renda) e ainda na roça ajudando meu pai e minha mãe que não moravam conosco. Uma fase difícil que se não fosse a bolsa... eu certamente não teria conseguido concluir a faculdade” (E5).

Na questão 5, os entrevistados expuseram que a Universidade precisa melhorar em relação aos quilombolas, dando um apoio maior durante o primeiro período época em que muitos relataram dificuldades. Outro ponto foi o preconceito e racismo por circunstância de serem pessoas pobres e negros ocupando um espaço que, pelo histórico pensamento hegemônico brasileiro, deve ser somente ocupado por uma elite dominante. A outra questão é em relação à bolsa: muitos relataram que já ouviram comentários como: “Só estão estudando por causa da bolsa” (E1). “A universidade dá muito apoio para os alunos quilombolas, mas ainda é preciso de pessoas para auxiliar os alunos no primeiro período”(E5).

Na questão 6, a maioria dos estudantes quilombolas entrevistados afirmaram participar de algum movimento dentro do *campus*, como o movimento estudantil e, fora da universidade, como a Marcha das Mulheres Negras em Brasília, movimento em defesa do decreto 4.887/3, que garante direito a terras quilombolas, bem como do III Encontro de pesquisadores Kalunga em Goiânia. Percebe-se que a maioria dos eventos os movimentos está relacionada à causa quilombola e racial. Desta maneira, eles se organizam entre si na defesa dos seus direitos, como evidenciado.

“Tive a oportunidade de participar de alguns movimentos, sim. Marcha das Mulheres Negras em Brasília. Movimento pelo direito as terras

quilombolas também em Brasília, o Movimento estudantil... foi uma experiência bastante significativa fazer parte de todos eles“(E7).

Durante os encontros com os estudantes quilombolas foi possível constatar o seu amadurecimento e o quanto foi difícil ingressar e permanecer na universidade. Pensar a universidade pública como uma alavanca de desenvolvimento humano e inovação a uma parcela distante dos grandes centros, que geralmente possui marcas profundas de desigualdade econômica regional, tem sido um grande desafio. Reconhecer os limites e possibilidades da universidade nesta realidade poderá ser um instrumento importante para não se perder o potencial que a instituição de Ensino Superior tem em regiões marcadas por exclusão e desigualdade.

Por muitos anos, a maior parte da população do sudeste do Tocantins e nordeste goiano ficou excluída da educação formal. Ver os filhos na universidade é motivo de alegria para os seus familiares e comunidade. Porém, com o acesso aparecem outros desafios que precisam ser enfrentados: defasagem da formação básica, dificuldade de compreensão dos aspectos burocráticos da universidade, limitação e pouca experiência com as tecnologias e exigências formais da produção do conhecimento, limitações financeiras decorrente da falta de oportunidade no mundo do trabalho, reprovação, evasão e retenção. Todavia, a presença da universidade nesta região constitui desafio e oportunidade para quem acredita que as universidades têm uma função social decisiva na formação e emancipação humana.

6. Considerações finais

A sobrevivência de grupos que enfrentaram a adversidade e conseguiram sobreviver requer muita sabedoria e vivência comunitária. A práxis pedagógica da Universidade Federal do Tocantins e, de modo especial, do *campus* de Arraias/TO requer uma perspectiva sócio-histórica-cultural que leve em consideração aspectos fundantes da identidade das comunidades que habitam esse território. Como ocorre na maior parte do Brasil, consta-se nesta região, onde a Universidade Federal do Tocantins exerce a sua função, a presença de diversas etnias presentes na formação do país. Apesar disso, na região ainda não se está consolidada a consciência da sua diversidade enquanto base fundante desses povos.

O reconhecimento da escravidão no Brasil como uma lacuna que traz consequências para a ordem vigente, principalmente para quem defende uma democracia com cidadania plena, reforça o quanto precisamos avançar com políticas afirmativas, baseadas nas exigências de

medidas estruturantes capazes de alterar a configuração da sociedade brasileira plantada na desigualdade.

As exigências estão postas: a realidade exige e os rumos políticos que o país vem tomando apontam para outra direção. No contexto a que estamos submetidos, a luta é para a manutenção dos direitos sociais conquistados ao longo de duras décadas. O desejo de uma Educação Superior pensada como uma política de combate às desigualdades sociais e regionais passa a ser substituído pela luta em prol da manutenção das universidades públicas.

Estudar e problematizar os fundamentos epistemológicos que sustentam a práxis de uma universidade que se aventura a produzir conhecimento, inserida em uma região com o propósito de emancipar a população excluída dos grandes centros urbanos, consiste, portanto, em um desafio que precisa ser constantemente retomado, sob o risco de as contingências aniquilarem as possibilidades deste feito. Por isso a presença da universidade pública nesta região precisa sempre estar em pauta buscando meios para a sua consolidação e efetivação da sua práxis a serviço da emancipação da classe trabalhadora, espoliada e entregue ao abandono.

Não se concebe uma universidade acima do bem e do mal, tampouco que se apresente como salvadora e redentora. O que se quer é uma afinação de sentido da universidade pública com a população do antigo norte goiano e, que desse encontro, possa brotar outras formas de poder que gestem a superação daquilo que atrapalhe a pulsão do novo e aprisione as forças que não se conformam com a opressão. Pensar outras formas de poder numa região marcada pelos traços invisíveis da escravização coloca a universidade numa articulação constante entre compreender o contexto sócio-histórico-cultural da população, bem como buscar mecanismos de articulação com as forças progressistas que lutaram e lutam para implantar outras formas de relação de poder.

Na inserção da universidade com as questões concretas da vida da população é que a Educação Superior fará sentido para estudantes e familiares, alterando a vida desses sujeitos, bem como interferindo por meio do conhecimento na forma de conceber e organizar as suas vidas.

Referências

BAIOCCHI, M. de N.. *Kalunga: povo da terra*. 1.ed. Brasília: Ministério da Justiça, Secretária de Estado dos Direitos Humanos, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação – MEC. *Sistema Bolsa Permanência*. Disponível em <<http://sisbp.mec.gov.br/>> Acesso em: 14/06/2019.

BRASIL. *Fundação Cultural Palmares - FCP*. Disponível em <<http://www.palmares.gov.br/>> Acesso em: 14/06/2019.

CANDAU, V. M. *Cultura(s) e Educação: Entre o crítico e o pós-crítico*. 1. ed, Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 165p.

CORDEIRO, Rosolinda Batista de Abreu. *Arraias: suas raízes e sua gente*. Goiânia: Editora Goiânia, 1989.

CHAUÍ, M. *Conformismo e Resistência: Aspectos da cultura popular no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

FARIAS, R. A. *Comunidade Remanescente de Quilombo Lagoada Pedra-Um estudo de caso*. Tcc Pedagogia. 24 f. Arraias: UFT, 2005.

FREIRE, P. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3.ed. São Paulo: Centauro, 2005.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. 14.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

MARX, K. *A miséria da filosofia*. São Paulo: Global, 1985.

MARX, K. *Grundrisse (1857-1858)*. Esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

MARX, K. *O capital*. 7. ed. São Paulo: Difel, 1989.

MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Hucitec, 1991.

MOURA, S. A. T. *Nas palmas da capoeira: Resistência Cultural pela Chapada dos Negros/TO (1984 a 2012)*. 2012. Dissertação de Mestrado. Goiânia, Universidade Federal de Goiás, UFG, 2012.

OLIVEIRA, R. de. *O barulho da Terra: Nem kalunga nem camponeses*. 1. ed. Curitiba: Progressiva Ltda., 2010.

OLIVEIRA, R.; PIRES, L. C. S. *Sociabilidades Negras: comunidades remanescentes, escravidão e cultura*. Belo Horizonte: Gráfica Daliana LTDA, 2006.

PISTRAK, M. *Fundamentos da escola do trabalho*. SP: Expressão Popular, 2000.

TESKE, W. *A Roda de São Gonçalo na Comunidade Quilombola da Lagoa da Pedra em Arraias (TO): um estudo de caso de processo folkcomunicacional*. Goiânia: Kelps, 2008.

TESKE. *Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias(TO) e seu patrimônio Imaterial*. *Revista Mosaico*, v. 6, n. 1, p. 65-76, jan./jul. 2013.



VALADÃO, E. B.; CERQUEIRA, T. C. S. A Inserção da Universidade Federal do Tocantins no campus de Arraias/TO: conhecimento, oportunidade e inclusão social. Curitiba: CRV, 2018.

Recebido em agosto de 2021

Aprovado em novembro de 2021

Publicado em dezembro de 2021